

DIÁLOGOS COM A LITERATURA PARA A IDENTIFICAÇÃO DE MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NA FACHADA LITORÂNEA DE MACEIÓ – AL.

Elaine de Albuquerque Medeiros

Bolsista PIBIC-FAPEAL-UFAL, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Alagoas (FAU-UFAL)
medeirosnana@hotmail.com

Adriana Capretz Borges da Silva Manhas

Orientadora, Grupo de Pesquisa em Representações do Lugar (RELU), FAU- UFAL
dricapretz@hotmail.com

Resumo

O trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa de Iniciação Científica que se propõe a identificar, registrar e analisar as graduais e as impactantes mudanças *versus* permanências remanescentes no espaço natural e edificado, ao longo de toda a área relativa à faixa litorânea que margeia o trecho compreendido entre os bairros de Jaraguá, Centro, Trapiche e Pontal da Barra na cidade de Maceió. Subsidiando o estudo da constituição da imagética dessa ‘fachada’ urbana, a metodologia é aportada em análise cartográfica e iconográfica, associada ao registro de relatos bibliográficos e jornalísticos, levantados desde o século XIX até a atualidade, com especial ênfase às obras literárias de escritores alagoanos e de viajantes estrangeiros que transitaram por Maceió no final do século XIX e meados do XX. Até o momento, foram analisadas passagens da literatura referentes ao trecho do bairro Jaraguá, onde prevalece a visão negativizada das águas.

Palavras-chave: Literatura. Fachada litorânea. Maceió.

Introdução

Particularmente na década de 1930, muitos autores de ficção que vão atingir o mercado nacional estavam em Maceió e se encontravam em reuniões, como Raquel de Queiroz, José Lins do Rêgo, Jorge de Lima, Pontes de Miranda e Aurélio Buarque de Holanda. O poeta Jorge Amado descreve inclusive o dia em que conhece Graciliano Ramos e cita a fama do grupo e de suas discussões. Nas obras destes referidos autores, o imaginário da cidade foi frequentemente construído, com descrições de trechos facilmente reconhecidos pela cidade, mesmo que não referenciados diretamente, como

na passagem de “Angústia”, em que Graciliano Ramos cita “os coqueiros, as praias, o céu azul, os canais e outras preciosidades alagoanas” (RAMOS, 1998, p. 45), ou quando, na mesma obra, descreve a Praia da Avenida, relacionando ao modo de vida alagoano, que chama de “vida de sururu”:

“[...] Do lado esquerdo são as casas da gente rica, dos homens que me amedrontam, das mulheres que usam peles de contos de réis. Diante delas, Marina é uma ratuína. Do lado direito, navios. Às vezes há diversos ancorados. Rolam bondes para a cidade, que está invisível, lá em cima, distante. Vida de Sururu.” (RAMOS, 1998, p. 10)

A área recortada como *locus* da pesquisa está localizada em uma região que expõe fortes marcos formais e imagéticos de referencial histórico, natural, arquitetônico e simbólico, e, portanto de valor patrimonial para a cidade de Maceió, presente também no imaginário de poetas, como o de Ledo Ivo, no percurso

[...] pela praia até os trapiches negros, cheirando a açúcar mesmo à noite – Quando todos os armazéns estavam fechados [...] – avançavam apara o mar, apoiados em estacas verdes negra que, presumivelmente, jamais apodreceriam [...] perto debaixo daquelas casas, estavam sepultados os marinheiros ingleses [...] enterrados na praia que, com os tempos, se converteu numa avenida, suprimindo-lhes os túmulos (IVO, 1997, p. 12)

O recorte do trabalho corresponde a uma faixa territorial composta por trechos de contíguos bairros, alguns deles considerados Zonas de Preservação Cultural, tendo dois bairros, Jaraguá e Pontal da Barra, tombados respectivamente a nível estadual desde os anos de 1987 e 1989, revelando a significância dessa fachada litorânea para a identidade cultural da cidade:

“[...] reconhecendo no ar um vago e vaporoso cheiro de couro, depois mudado no de melaço. Talvez se estivesse lembrando [...] de certa hora de sua vida em que lhe entrara pelas narinas o odor dos rios perenes que fertilizavam as várzeas do lugar onde ela nascera” (IVO, 1997, p. 14).

A importância deste trabalho evidencia-se diante da ameaça constante de esquecimento da história dos ‘lugares’ e da identidade cultural dos mesmos, visto esta área representar um grande pólo de desenvolvimento urbano no passado e assim manter-se no presente.

Descortinando um passado de Maceió a partir da literatura

O sítio onde se desenvolvera a cidade de Maceió, segundo o geógrafo Ivan Fernandes Lima, ocupava uma restinga situada entre a Lagoa Mundaú e o oceano Atlântico, sobre os enquadramentos onde “[...] do lado leste, fica a praia em forma de

lua crescente; do outro, a oeste, fica a lagoa, finalizando em ponta arenosa, cheia de ilhas e manguezais; ao norte, a cidade ocupou o tabuleiro” (LIMA, 1990).

Em “Histórias do Velho Jaraguá”, Maya Pedrosa descreve o bairro de Jaraguá, integrante desse sítio, como “[...] ponta de dunas arenosas e alvas, cobertas de vegetação rasteira e rala avançando para o mar e delimitando a larga enseada pela frente” que nasce em 1609, com sua primeira casa, construída “[...] de tijolo e taipa na Ponta do Jaraguá, local inteiramente desabitado [...]” (PEDROSA, 1998, p.19), donde desde então passou por um grande processo de mudanças e desenvolvimento ao longo do tempo. Onde antes “[...] Apenas havia por lá uma vegetação rala e brejos dificultando as ligações e distraíndo para outras bandas as autoridades fiscais.” (PEDROSA, 1998, p.19), com o passar do tempo, a percepção de sua localização estratégica para defesa e o grande desenvolvimento de Jaraguá, fizeram com que em 1839, a capital, antes localizada em Marechal Deodoro, fosse transferida para Maceió.

O esforço do Barão de Sinimbu e seus aliados para trazerem a capital para Maceió, em 1839, pode ser entendido pelo progresso que Jaraguá teve nesta fase. O local já tomava aspecto de bairro ou arrebalde de Maceió, pelo porte de suas edificações e ruas. (PEDROSA, 1998, p. 43)

Assim, a nova capital, na figura do bairro de Jaraguá, começa a firmar sua vocação de cidade – porto exportador, o que lhe conferiu potencialidade, ao final da terceira década do século XIX, ficando conhecida, segundo Pedrosa, como uma enseada portuária e comercial, representando assim os três componentes fundamentais da colônia: a defesa, a exploração econômica e a religião, como na passagem descrita pelo poeta alagoano Ledo Ivo:

[...] indo desde a alta parede da Alfândega ao vô das gaiotas que sobrevoavam não apenas casas, trapiches, negras madeiras jamais apodrecidas, a pensão da Dina, a Recebedoria de Rendas, currais de peixe, mas a granulosa e odorante substância do momento, que envolviam os aparatos navais da praça próxima, os degraus e as colunas brancas do edifício da Associação Comercial, as pedras agressivas da rua, que o tempo, os pés dos homens e as rodas dos veículos não tinham ainda conseguido polir, e o ar claro onde o cheiro de salsugem se misturava ao dos motes de açúcar ensacado no fundo dos depósitos. E a rua torta, com a agencia do telegrafo submarino, os bordeis localizados em sobrados vetustos, as companhias de seguros, as agencias consulares, os bancos, os armazéns, as casas de representações, os botecos gordurosos, parecia ser nutrida por tudo que viesse do mar: gente, navio, papel, vento, alga (IVO. 1997, p. 82)

Assim, Jaraguá com o passar do tempo, passa a sítio inabitado e coberto por vegetação, a lugar de extrema atividade comercial com grandes edificações e bairro preferido da então classe média e alta da cidade. “[...] Havia razoável concentração de

residências de classe alta e média na atual Avenida da Paz, na Rua Santo Amaro, hoje Uruguai [...]” (Pedrosa, 1998, p.58).

O bairro consegue notoriedade comercial devido à grande facilidade de acesso das embarcações ao porto ali instalado, não só por ter se desenvolvido ao redor de um Engenho, assim descrito por Ivo (1997):

No início do século XVII, quando naquela região havia apenas a senzala de um engenho de açúcar, chamado Massavó, junto ao qual se ergueu uma capelinha sob a invocação de São Gonçalo, navios que eram então o cumulo da modernidade (e hoje só poderiam ser encontrados em álbuns ou livros de históricos) paravam diante da paisagem antropofágica dividida em dois planos, na mais baixa estendendo-se os alagadiços e a mais alta sendo o fim do tabuleiro que penetrava interior a fundo[...] E decerto esse engenho de açúcar nascera em função do mar oceano que, na enseada, se foi mudando em porto, a principio clandestino[...] (IVO. 1997, p. 83)

A paisagem aquática negativizada de Maceió registrada em verso e prosa

A análise da literatura até o momento permitiu constatar que, até meados da década de 1940, a associação feita entre Maceió e suas paisagens aquáticas partia de pressupostos pejorativos ligados a falta de urbanização e fiscalização que a cidade passava na época, principalmente quando comparadas as outras cidades no resto do país, como bem ilustra Pedrosa ao afirmar que “em Jaraguá, pelo contrário as autoridades não chegavam. Apenas havia por lá uma vegetação rala e brejos dificultando as ligações e distraíndo para outras bandas as autoridades fiscais.” (PEDROSA, 1998, p.19)

Creio que sem medo de errar posso reivindicar para o nosso pobre adagiário outro provérbio autenticamente alagoano, legitimamente nosso na forma e na substância, se bem que menos usado que o “Maceió, um dia só”, de larguíssimo uso e de mais fácil aplicação: - Negro e lama de sururu se parecem. (DUARTE, 1974).

Assim como o famoso provérbio alagoano, citado por Aberlardo Duarte, em “O folclore negro das Alagoas”, vários outros exemplos na literatura alagoana referenciam as praias como lugares indesejáveis e evitados: em “Cenas da Vida Alagoana”, Luiz Lavènera narra a região da lagoa como local cheio de mosquitos; em “Pajuçara” novela de Oliveira Litrenhos, a praia se apresenta como um local negativizado em que as pessoas que possuíam problemas de saúde freqüentavam e assim esta não era um bom lugar para lazer; Luis Gutemberg em “O anjo Americano” ressalta a praia como local pouco freqüentado, cenário de um triplo assassinato; Moreno

Brandão em “O vade-mécum do turista em Alagoas” apresenta relatórios da situação sanitária onde eram indicados os aterramentos dos mangues; Costa (1981) cita a região da “Boca” de Maceió como o lugar alagadiço onde literalmente se “enfiava o pé na lama”. Diversas doenças relacionadas à insalubridade e à falta de saneamento na cidade, principalmente para a população que vivia as margens da lagoa, estavam no cotidiano das pessoas, causando a princípio uma identificação negativa quanto aos aspectos das paisagens aquáticas de Maceió.

[...] E as águas desobedecem a seus limites naturais de contenção na praia e escoam o seco, passam pelos rios laterais de Jaraguá e vão colidir nos prédios da Sá e Albuquerque para inundar armazéns e porões, arrastar pelo chão pessoas e animais, entortar postes de luz, derrubar muros e paredes, inundar os porões da Associação Comercial.” (PEDROSA, 1998, p.118)

Estes discursos estavam em voga nos meios acadêmicos, científicos e na literatura local através de metáforas que caracterizavam um valor pejorativo ao cotidiano das áreas alagadiças, principalmente referentes às lagoas e aos seus moradores, trazendo como legado essa associação elitista e preconceituosa com essas comunidades para os dias de hoje.

Na região dos canais e lagoas, as duas estações – o inverno e o verão – são de uma irregularidade sem limites, principalmente na primeira. No inverno: dias longos, tristes de chuva. Então tudo mofa. Das paredes frias, dos móveis, de todas as madeiras, sai um risco repelente. A umidade sem igual invade as casas. O tijolo do ladrilho escurece. Nos prédios cimentados a sensação de mal-estar é horrorosa. Julga-se viver dentro de um charco. E, por vezes, parece que os habitantes da Levada em Maceió, não passam de sapos e rãs. (BRANDÃO,1919).

Os médicos consideravam o litoral uma região doentia e “lá estava Jaraguá com suas febres palustres, entermitentes e biliares, erisipelas, defluxos, coqueluches, e ainda tuberculose, varíola e beribéri” (Pedrosa, 1998, p.69). Além disso, segundo o mesmo autor, Jaraguá tinha um aspecto desagradável, advindo do grande progresso da época, que fazia com que as várias pessoas que por ali circulavam, principalmente trabalhadores, ficassem juntos e confinados. Todos esses problemas de ordem social eram ainda agravados pelos problemas de ordem natural, sendo que [...] somente a Levada poderia competir com Jaraguá em urubus pelos ares e pousados em esgotos, quintais, estacas, muros, areais de praia, telhados e até nas calçadas. (Pedrosa, 1998, p.122). Outra imagem do grande caos que tinha se tornado Jaraguá, pode ser observada na seguinte passagem: “Jaraguá chegava a ser barulhento. Ouvia-se o ranger dos bondes em marcha, freando, fazendo a curva, passageiros batendo nas sinetas” (Pedrosa, 1998,

p.100). Apesar disso, Jaraguá aparece como um dos bairros mais desenvolvidos e atingidos pelo progresso na cidade.

Considerações finais

Analisa-se que esse atraso urbanístico vivenciado pela cidade, se debruçou também no pensamento da época e trouxe como conseqüência vários discursos de cunho degradante ou até preconceituoso quando relacionados aos elementos das paisagens aquáticas de Maceió e ao dia-a-dia de seus moradores.

As águas mais limpas e cristalinas do que as de hoje, sem sacos de plásticos flutuando em manchas de óleo de jangadas ao mar pelos próprios pescadores sem nenhuma fiscalização, nem educação ambiental, poluindo o mar onde vão depois pescar, nela ativando seus excrementos diários, toneladas de lixo, cabeça de camarão e peixe podre. Agora existe no local uma favela que dizem ser de pescadores, mas que, na verdade, abriga toda a classe de desamparados urbanos e invasores de uma construção de porte [...] hoje uma favela imunda, sem instalação sanitária, onde ficavam empilhadas centenas de pessoas cujos excrementos são percebidos duzentos metros do local, rememorando o tempo das pontes e trapiches. (PEDROSA, 1998, p.122)

O passar do tempo parece não ter mudado a imagem negativizada que o Jaraguá adquiriu ainda no século XIX, persistindo até os dias de hoje e relatado em meados da década de 1997, descritos em “Histórias do Velho Jaraguá”:

Volta e meia, quando a natureza bota pra chover, o Salgadinho traz para a Enseada toneladas de detritos que ficam flutuando por perto dias e mais dias, finalmente afundando para se decomporem durante duzentos anos, no local onde antes os peixes desovavam [...] (Pedrosa, 1998, p.134).

Bibliografia

BRANDÃO, O. **Canais e lagoas**. Maceió: Edufal, 2001.

COSTA, C. **Maceió**. Maceió: SERGASA, 1981.

DIÉGUES JÚNIOR, M. **O bangüê das Alagoas**. Maceió: Edufal, 2006.

DUARTE, A. **Folclore negro das Alagoas**. Maceió: DAC/SENEC, 1974.

IVO, L. **Ninho de Cobras**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997

PEDROSA, J. F. de M. **Histórias do Velho Jaraguá**. Maceió: Talento, 1998.

RAMOS, G. **Angústia**. Rio de Janeiro: Record, 1998.